



## NÃO ME ACOSTUMO

*Benício Bruno Cardoso Paulo*

A gente se acostuma, mas não devia.

Eu entendo Marina Colasanti.

A gente se acostuma ao discurso biopolítico mas não devia, a gente se acostuma às réguas da cisheteronormatividade mas não devia.

Eu me pego pensando em tanto do que eu não devia me acostumar, mas me acostumo.

O quanto meu corpo vai sendo docilizado nesse processo de acostumar

Feito água parada no tempo eu vou me movendo

E movendo feito água congelada que me tornei começo a perceber o que de fato preciso manter e o que há necessidade de transmutar

Nesse jogo com os elementos, a terra me cai bem, a água é que eu sou.

Eu gosto do chão porque ele é sagrado e profano, porque no chão tudo que existe tem um lugar

Falam do lugar ao sol, eu quero saber é do direito básico do lugar no chão.

Quero lugar pra ser água congelada, terra fértil, água morna, pedra dura, bicho, bruxo, curandeiro

Sou filho das águas claras d'Oxum, das palhas de Obaluaê

Quero que a gente não se acostume a ser uma coisa só

Viver a monocultura dos afetos é viver violência, mesmo que não percebamos sua presença

É se acostumar com o que não devia, digo e chamo atenção para nós que temos um corpo habitante da dissidência, divergente do patriarcado, divergente do gênero imposto e de tudo que sufoca quem não se encaixa

Falando sobre se encaixar, porque é que mesmo nas nossas narrativas estamos reproduzindo o discurso hegemônico?

Digo, não há problema em viver dentro da monogamia, por exemplo, se é uma relação que se pensa reciprocamente sobre os acordos que concernem esse contrato, respeito o amor de um mais um.

Digo, não há problema em querer ter uma família, eu mesmo tenho esse desejo, entretanto, eu preciso saber que ter uma família não normativa é um desafio dentro do que



se espera de uma família na sociedade em que nós vivemos. Família pra mim rompe com a consanguinidade, é estrutura de afetos e resistências dentro da sua construção. Estilo POSE.

Habitar a inexistência não pode mais ser a única opção para corpos dissidentes

Eu não posso mais acreditar que as potências todas que trazemos com nossas vidas sejam acostumadas a não ser

Sejam violentadas para que não floresçam

Sejam minadas de suas possibilidades de sobrevivência para que morram

É isso desde o começo, por aqui já são mais de quinhentos anos que assassinam as almas

É genocídio da cor, a bala nunca foi perdida, seu alvo é certo: crianças e jovens pretos, indígenas, mulher preta grávida.

É feminicídio por toda parte, todo dia

Corpes trans suicidados por terem sua existência negada

Vivemos no país que mais mata travestis e transexuais no mundo, também vivemos no país que mais consome pornografia transsexual, me enoja tamanha hipocrisia, não me acostumo.

Quantos mais desses corpos veremos pintando com o seu sangue os asfaltos por onde transitam seus carros?

Não me acostumo a ver crianças nos semáforos tendo suas infâncias roubadas.

Não me acostumo, mas por aqui a realidade é essa e o problema é inimaginável, a opressão é ancestral e se quer no poder a todo custo. Que a gente não se acostume com essa realidade tão dura e cruel. Que a gente possa sim, sonhar outros mundos possíveis aonde o corpo-território possa ser na sua multiplicidade, bem-viver e não só sobreviver.